

A RESPEITO DAS PUBLICAÇÕES SOBRE A FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA (1)

por Otavio Torres

Na reforma do Regimento Interno da Faculdade de Medicina da Bahia, entre outras sugestões, lembramos o restabelecimento da publicação "Arquivo da Secretaria da Faculdade" e a criação de um Museu de História da Medicina, na Bahia, reunindo tudo o que se refere a aparelhos, instrumental cirúrgico e documentário, etc., ainda existentes e dispersos em mãos particulares, em almoxarifados, reconstituindo, na medida do possível, toda a nossa história médica, tão falha desta documentação.

A publicação do "Arquivo" continuava a atualizar os documentos existentes no Arquivo da Secretaria da Faculdade de Medicina, até a época presente.

Para a instalação do Museu, porder-se-ia aproveitar a cava existente em todo o edifício da escola, não só na parte antiga, que dá para o Terreiro de Jesus, como na construída pelo saudoso e ilustre conterrâneo Eng. Teodoro Sampaio, após o incêndio de 1905.

Convenientemente adaptado, mobiliado e iluminado este porão prestar-se-ia extraordinariamente ao fim lembrado. Aí seriam guardados o primeiro aparelho de Raios X que veio à Bahia e, quem sabe se à América do Sul, logo depois da descoberta de ROENTGEN, e que foi aplicado pela primeira vez, em cirurgia de guerra, em feridos da luta civil de Canudos (2).

Seriam igualmente conservados os aparelhos registradores de pulso e outros que pertenceram às diversas cadeiras de Física, Química, História Natural, Fisiologia, Farmacologia, Terapêutica, e Clínica Propedêutica, Médico-Cirúrgicas, e as caixas com

(1) Entregue para a publicação em 15-6-1949.

(2) No dia 4 de Agosto de 1897, foi examinado o soldado do 5.º Batalhão da Polícia da Bahia, Monoel Bertholino dos Santos, ferido em Canudos, localizando-se uma bala no primeiro espaço intercostal esquerdo.

instrumental para cirurgia, hoje valorizadíssimas pelo seu valor histórico, mostrando, nos seus diversos modelos, a evolução da medicina e principalmente da cirurgia nestes últimos setenta anos. A este Museu pode-se-ia juntar as peças anatômicas feitas na **Sala de Dissecção** de Anatomia do Curso do Prof. Jonathan Abbott (que não permitia que nenhum aluno entrasse em exames sem apresentação dessas peças) e os modelos de cêra reproduzindo lesões de órgãos e da pele, observações raras feitas no Hospital São Louis, de Paris, e que foram salvos do incêndio de 2 de março de 1905. Consertados e limpos ainda poderão prestar relevantes e inestimáveis serviços na educação dos moços.

Devem ser incorporados ao novo Museu as peças que pertenceram ao Museu Anatomico-patológico, iniciado em 1913 pelo Prof. HENRY MULLER, de Tubingen, ilustre histo-patologista alemão, que aqui veio contratado pela Diretoria da Faculdade, tendo realizado um curso no Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, frequentado por professores, assistentes e alunos adiantados da Faculdade.

Em sessão da Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia, de 23 de outubro do corrente ano, propuzemos, na impossibilidade de se continuar a publicação do "Arquivo" da nossa Faculdade e também das "Memórias Históricas" da mesma gloriosa instituição, que fossem conservadas nos atuais "Arquivos da Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia", algumas páginas destinadas à publicação de fatos referentes à administração, concursos, nomeações, aposentadorias e movimento escolar.

Em outra parte seriam publicadas as biobibliografias dos professores e demais personalidades da Faculdade, fazendo-se assim, pouco a pouco, toda a história da nossa tradicional Escola Médica. Cada professor atual encarregar-se-ia de fazer a história da sua cadeira e dos professores que a ocuparam. Comprometemo-nos a descrever a história de alguns professores e de alguns fatos da vida da Faculdade que chegaram ao nosso conhecimento.

Então neste riquíssimo repositório será fácil todas as pesquisas de documentos sobre a vida da Faculdade ou informações das atividades e biobibliografias dos seus professores, tudo reunido, divulgado e ao alcance de todos.

Estamos descrevendo a história da Cadeira de Patologia Geral, infelizmente, porém, ainda não conseguimos os dados biográficos de todos os professores que ocuparam essa Cadeira na Faculdade.

Muita coisa, entre nós, tem que ser escrita seguindo a tradição oral, que deve ser, porém, logo que possível confirmada ou informada por investigações posteriores feitas nos jornais da época, nos Arquivos das instituições científicas, artísticas e religiosas ou em documentos particulares, onde jazem a espera destes cultores da nossa tão querida história pátria. Por isso é necessário escrevermos todos os fatos que chegarem ao nosso conhecimento, a fim de pouco a pouco, com a contribuição do maior número, chegarmos a escrever a história completa da nossa vida científica, política, econômica e social.

Relativamente pouco se tem escrito sobre o nosso passado, principalmente nos últimos 70 ou 80 anos. Os antigos parecem que foram mais cuidadosos ou tiveram mais tempo.

Acontece que os que viveram, nestes últimos tempos, guardaram consigo e não escreveram o que sabiam ou tiveram ocasião de presenciar, levando tudo para o túmulo. É verdade que alguns, em conversa, contavam aos amigos e conhecidos muita coisa, mas, nem sempre estes transmitiam ao papel o que ouviam, a fim de não se perder tal tradição e tanta coisa interessante.

Podemos referir entre aqueles notáveis professores das Faculdades e de outras instituições, homens dados a outras profissões liberais, industriais, etc.

Era muito comum reunirem-se, entre nós, homens de letras, jornalistas, médicos, bachareis e de outras profissões, em grandes rodas, nas suas casas, ou nas portas das farmácias e barbearias, a fim de conversarem, discutirem política, ciência, letras e até "vida alheia". E nunca, ao que se sabe, escreveram os fatos discutidos ou narrados entre eles.

Alcançamos, mesmo na nossa antiga biblioteca da Faculdade, professores notáveis que se reuniam, a hora certa, a fim de prozarem e discutirem ciência ou literatura.

Os antigos funcionários da Faculdade (bedéis, conservadores, amanuenses e outros), contavam muitos casos da vida dos professores, de aulas, e de alunos que deixaram fama por seu espírito alegre, suas artes e travessuras ou por sua aplicação aos estudos.

Entre os que mais escreveram, na Bahia, pensamos, figuram os médicos e bachareis.

Aliás, causas diversas influíram para que não ficassem registradas, por escrito, os diversos acontecimentos da vida das nossas instituições, da vida social, artística, industrial e agrícola da nossa Terra. Influíram, entre outras causas, a luta pela vida, a pequena remuneração, em geral das profissões liberais, a dificuldade de pessoas que auxiliassem e colaborassem com outras, em obras de folego, a ausência de associação em trabalhos de conjunto e às vêzes, o derrotismo de alguns e indiferença de outros, quando se tem um ideal a realizar.

Poucos dos nossos homens públicos têm escrito as suas vidas, aos dos seus contemporâneos e os fatos que se passaram durante a época, em que viveram. Sei de alguns, porém, como o eminente e saudoso baiano ANTONIO MONIZ DE ARAGÃO, que descreveu em numerosos volumes todos os acontecimentos da política do País, desde que entrou na vida pública, isto é, logo depois de formado em direito pela nossa Faculdade, até quando morreu. Ele, porém, pediu à sua digníssima espôsa que destruísse tudo depois da sua morte.

Não sei do destino de toda esta preciosa documentação, riquíssima de fatos, e tão interessante para a história política do Brasil, desde o princípio do século XX até 1931, quando faleceu, no Rio de Janeiro, este grande e benemérito bahiano.

Poderemos avaliar a preciosa documentação deixada se lermos a interessante obra que elaborou e publicou logo no ano seguinte ao que deixou o Governo do Estado e intitulada "A Bahia e os seus Governadores da Republica" (Imprensa Oficial) — Bahia.

Repositório de toda a vida política da Bahia, no período republicano, nas suas mais circunstanciadas minúcias, com notável apreciação dos fatos, imparcialidade e inúmera e inegualável documentação.

É interessante referir que o Dr. ANTONIO MONIZ, talvez, tivesse adquirido este hábito de escrever regularmente o que se passava na política da Bahia e também do País, com o seu eminente avô e sábio filósofo bahiano Comendador ANTONIO FERRÃO MONIZ DE ARAGÃO.

Este notável bahiano deixou toda a sua vida escrita em numerosos cadernos (talvez perto de 20), desde que saiu daqui da Bahia, com 12 anos apenas, para se educar em Colegios da Inglaterra, até que veiu a falecer na nossa Capital, como Diretor da Biblioteca Pública da Bahia em 1880 e tantos. Nestes cadernos, ele descreveu a sua partida, em navio de vela, a passagem em Recife, os habitos e costumes de todos os povos onde aportou, até chegar à Inglaterra, a sua estada no estrangeiro, os colégios nos quais estudou, os países que visitou, etc. Faz críticas e apreciações dos homens e das cousas.

É um copioso material que já tem servido à consulta de diversos historiadores patrícios que o têm lido com grande proveito, principalmente depois que estes cadernos foram oferecidos à Academia de Letras da Bahia, da qual FERRÃO MONIZ é patrono de uma das cadeiras, pelo Dr MARIO TORRES, historiador, genealogista e alto funcionário federal aposentado.

Como estes, devem existir, talvez, muitos outros patrícios que tendo escrito diários, crônicas e notas, estejam esperando quem os publique ou cujas produções hajam sido guardadas em Arquivos por todo esse vasto Brasil, servindo para consultas de estudiosos e para solução de questões, até então muito discutidas.

O Cons. TRANQUILLINO LEOVIGILDO TORRES, meu pai, que escreveu muitos trabalhos, entre outros a história de alguns Municípios da Bahia (Condeuba, Vitória da Conquista, Poções) também anotava tudo da sua vida particular e pública, tendo deixado dous volumes (Canhenho da minha vida pública) nos quais transcreveu os despachos de todos os autos que teve ocasião de ler e julgar, fazendo um resumo de cada processo e transcrevendo os respectivos despachos. Estes autógrafos foram oferecidos pelo Dr. MARIO TORRES ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, do qual foi êle um dos fundadores.

Tomamos também, por imitação talvez, logo depois de formado em medicina o hábito de escrever o diário de nossa vida, das nossas viagens principalmente, em longas cartas à família, embora em certos momentos de afanosos trabalhos houvesse interrupção.

Se todos assim porcedessem e se as famílias brasileiras compreendessem o valor destes escritos, conservando-os com o carinho que eles merecem, publicando-os, ou confiando-os aos Arquivos, guardas cuidadosos do nosso passado, não se teria perdido tanto, nem se extraviado tanta cousa preciosa referente a história pátria.

O saudoso professor GONÇALO MONIZ quando secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública, no Governo do benemérito bahiano Dr. ANTONIO MONIZ FERRÃO DE ARAGÃO (1916 a 1920) adquiriu o ultimo volume das "Memórias Históricas sobre a Bahia" de ACCIOLY e que este não conseguira publicar. Os manuscritos estavam em mãos de uma velhinha, irmã do grande historiador, que os guardava com carinho e zelo. E apesar da grande necessidade que atravessava ela e suas outras irmãs nunca se desfizera do precioso manuscrito de seu ilustre irmão. GONÇALO MONIZ, sabendo da existência do documento, propoz a compra, por quantia justa e valiosa, naquela época, e que ao mesmo tempo contribuiu para melhorar extraordinariamente a situação de vida precária das boas velhinhas. Conheci-as muito. Moravam em uma loja de uma casa colonial na subida do Largo do Desterro, do lado direito. Estes manuscritos foram entregues ao nosso mestre e emérito historiador, prof. BRAZ DO AMARAL, que já estava encarregado oficialmente pelo mesmo governo de reeditar e anotar a notável obra de ACCIOLY, como depois foi publicada já no segundo governo do benemérito bahiano Dr. JOSÉ JOAQUIM SEABRA, constituindo uma das comemorações do centenário da nossa Independência política, em 1923.

Eis aí um outro ponto de vista de grande interesse, que nem sempre se leva em consideração, no Brasil: é a parte econômica que representa tudo quanto é documento de valor como no caso acima citado.

Cousa semelhante aconteceu com “As Cartas de Vilhena” sobre a Cidade do Salvador, encarregando-se o mesmo prof. BRAZ DO AMARAL de copiá-las dos originais existentes na Biblioteca Nacional, e anotá-las a fim de serem impressas como foram.

Tem havido, na Bahia, homens ilustres e cultos que se tem espontaneamente encarregado de escrever a sua história.

Citaremos desde os tempos coloniais até os últimos anos, entre outros, por ordem cronológica e de memória, CALDAS, VILHENA, ACCIOLY, ALVES DO AMARAL, TRANQUILINO TORRES, JOÃO TORRES, MANOEL QUERINO, THEODORO SAMPAIO, JOÃO DA SILVA CAMPOS, entre os que desapareceram.

Os estudos históricos apaixonam os investigadores e têm felismente despertado, entre nós, nos últimos tempos, um grande entusiasmo.

Existem numerosos cultores, no momento ligados quase todos às nossas Instituições, que se dedicam a esses estudos.

Permitam fazer uma exceção citando, entre os vivos, o nome do Professor BRAZ DO AMARAL. Desde a fundação do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, em 1893, pelos ilustres baianos Cons. TRANQUILLINO LEOVIGILDO TORRES, Conego LUDGERO DOS HUMILDES PACHECO, Cons. MANUEL PEDRO DE REZENDE, Dr. ANTONIO CALMON, Farmaceutico LUIZ FILGUEIRAS, viajante OLAVO DE FREITAS MARTINS e Dr. BRAZ HERMENEGILDO DO AMARAL, que este eminente professor, o único dos sobreviventes daquele grupo, vem se dedicando com afinco, principalmente ao estudo da história da Bahia, enriquecendo as páginas das Revistas do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e também de jornais e revistas especializadas, na matéria e profanos.

A Faculdade tem tido também os seus historiadores, principalmente depois da reforma que obrigava o Congregação a eleger todos os anos um de seus membros para redigir as Memórias Históricas do ano anterior. Desde a primeira eleição, que recaiu no ilustrado professor MALAQUIAS ALVARES DOS SANTOS, no meado do século passado, 1854 — até o ano de 1915, não houve

falhas. E a relação de todas elas figura na Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia do saudoso prof. GONÇALO MONIZ. Nem todas foram divulgadas. Às vezes os seus autores publicavam-nas às suas custas e outras eram impressas pela Faculdade.

Os relatores das Memórias dos anos de 1916 a 1923 não escreveram os seus trabalhos. Para a Memória Histórica do ano de 1924, foi eleito o professor GONÇALO MONIZ, que escreveu a mais completa de todas elas, pois fez um estudo minucioso das histórias da Medicina na Faculdade, desde a sua fundação, em 1808, até aquela data, discutindo as diversas reformas do ensino, feitas entre nós, mostrando as suas vantagens e inconveniências. Com a sua elevada cultura e experiência sobre o assunto, sugeriu modificações no curso primário, secundário e médico. O secundário devia ser dividido em curso básico de 4 anos, exigido de todos e de especialização feito em dois anos conforme a carreira, a que se destinassem, como hoje já está se fazendo.

Esta notável Memória Histórica, considerada por um dos seus maiores biógrafos — o prof. PINTO DE CARVALHO, como monumental, foi lida em muitas sessões da Congregação, no ano de 1926, aprovada sem discussão e muito elogiada, por todos os membros da Congregação que atentos e interessados ouviram o emérito professor, com o maior acatamento e respeito.

Esta Memória só logrou ser publicada, em 1940, isto é, alguns meses depois do infausto passamento do sábio professor, quando o Diretor da Faculdade o Prof. EDGAR SANTOS mandou imprimi-la para ser distribuída no dia da abertura solene dos cursos, no mesmo dia em que se inaugurava a sua efígie em bronze, na entrada da Faculdade, homenagem dos seus corpos docente e discente.

Desta data para cá, a Congregação não deixou de, regularmente, todos os anos eleger o relator das suas Memórias Históricas. Porém, até hoje, infelizmente nenhum escreveu nem apresentou o seu trabalho. Não vai nisto nenhuma acusação aos escolhidos, mas apenas o sentimento da irreparável perda de algumas delas, pelo infausto desaparecimento de muitos dos seus relatores e impossibilidade de recompô-las.

O benemérito e saudoso prof. Dr. ALFREDO BRITO, quando Diretor da Faculdade, conseguiu mandar imprimir na Imprensa Nacional, no Rio de Janeiro, algumas das Memórias Históricas que não tinham sido publicadas e reeditar outras. Todas as outras que não tinham sido ainda impressas e estavam encadernadas nas estantes da Biblioteca da Faculdade desapareceram no terrível incêndio de 2 de Março de 1905, ficando completamente perdidas.

Ainda como Diretor da Faculdade, ALFREDO BRITO iniciou a publicação da Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina, na qual eram divulgados os trabalhos realizados pelos professores, substitutos e auxiliares do ensino. Esta Revista dos cursos saía regularmente durante o ano (2 — 3 fascículos) constituindo os volumes anuais. De 1913 para cá foi suspensa a sua publicação.

Em 1916, ANSELMO ALBUQUERQUE começa a editar o "Arquivo da Faculdade de Medicina", que se imprimiu regularmente até 1920 (anos em 5 volumes), ano em que foi também suspensa.

Em 1923 comemorando o primeiro centenário da Independência Política da Bahia, a Imprensa Oficial do Estado resolveu imprimir um volume sobre cousas e fatos históricos da nossa Terra. Seu ilustre Diretor convidou o Professor GONÇALO MONIZ para colaborar neste número tendo este professor escrito um excelente artigo intitulado "A Medicina e a sua evolução na Bahia" — Diário Oficial da Bahia, 2 de Julho de 1923, numero comemorativo do Centenário.

GONÇALO MONIZ faz um resumo da evolução da medicina na Bahia e junta um esboço biográfico dos médicos mais ilustres que viveram entre nós até aquela data.

Em 1923, ainda para comemorar o centenário da nossa Independência política, o ilustre e saudoso professor ANTONIO PACIFICO PEREIRA publicou em avulso um excelente trabalho e intitulado: Memória sôbre a Medicina na Bahia, subdividido nos seguintes Capítulos: Ciência e prática — Ensino Médico — Profilaxia e Terapêutica — Higiene — Clínica Cirúrgica e Ope-

rações notáveis — As grandes curas e os grandes erros — Endemias, Epidemias — Medicos Baianos — Ideias e descobertas de médicos Baianos. A Faculdade de Medicina nos 100 anos. (Imprensa Oficial do Estado — Rua da Misericórdia n.º 1 — 1923).

Neste trabalho vimos que as obras realizadas na Faculdade de 1884 até 1893 foram na Diretoria do Professor PACIFICO PEREIRA.

Estas obras foram a transformação da fachada para o que é atualmente, desde a Catedral até a esquina da Rua das Portas do Carmo, (hoje Rua Alfredo Britto); as modificações internas, a construção da muralha para a plano Inclinado e dos dous pavilhões o de Anatomia e o de Anfiteatro Itapoan, etc; adaptação das duas antigas enfermarias em Biblioteca uma delas e a outra em diversos laboratórios das cadeiras criadas pela lei de 30 de Outubro de 1882. Foram desapropriadas no Terreiro e nas Portas do Carmo cinco casas para se fazer todo o plano projetado o que só terminou em 1893.

Ficam aqui, corrigidas as notas escritas em nosso trabalho “Esboço Histórico dos Acontecimentos mais Importantes na vida da Faculdade de Medicina da Bahia”, publicado em 1946-47 e assim prestamos a homenagem da nossa admiração ao grande administrador.

Nos últimos anos, a comissão eleita pela Congregação para Revista dos Cursos foi composta dos professores ARISTIDES NOVIS, OCTAVIO TORRES e o saudoso e ilustrado colega ARMANDO SAMPAIO TAVARES; trabalhou muito e conseguiu reorganizar a antiga Revista e publicá-la com o nome de “Anais da Faculdade de Medicina”, de acôdo com a deliberação da Egrégia Congregação.

Posteriormente, foi eleita nova comissão composta dos professores ADRIANO PONDE, MAGALHÃES NETO e LAFAYETTE COUTINHO, que em Congregação e por proposta do primeiro sugeriu, o que foi aprovado unanimemente, mudar-se o nome de “Anais” para o de “Arquivos da Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia”. Esta última comissão vem com grande entusiasmo e dedicação publicando regularmente todos os anos um substancioso volume, com apreciada colaboração de tra-

balhos originais elaborados pelos professores e auxiliares do ensino da nossa Faculdade de Medicina e Escolas Anexas de Farmácia e Odontologia da Universidade da Bahia.

Para comemorar a fundação da Universidade da Bahia, a Diretoria da nossa Escola de Medicina mandou imprimir o volume "Esboço Histórico dos Acontecimentos mais Importantes na vida da Faculdade de Medicina da Bahia, 1808-1946", por nós escrito especialmente para este fim. No dia da fundação, foram distribuídos apenas 50 exemplares às autoridades que compareceram à sessão solene. Após sua leitura o Eminentíssimo Ministro da Educação e Saúde, Prof. Dr. ERNESTO DE SOUZA CAMPOS sugeriu ao Magnífico Reitor Prof. Dr. EDGAR SANTOS dar-nos autorização para atualizar o trabalho acima referido, e que só pôde sair impresso e ampliado, como referimos, no prefácio desta obra, em fins de 1947, princípios de 1948.

Como diz o título, o autor procurou divulgar os fatos mais importantes na vida da Bahia nos quais tomaram parte, coletivamente, todos os membros da Egrégia Congregação ou alguns dos seus ilustres professores. A obra é fartamente ilustrada com fotografias e alguns desenhos originais do autor.

Depois do resumo acima feito, pensamos justificar plenamente a proposta feita na Congregação do mês de outubro próximo passado (1948).

Não podemos deixar de fazer uma apreciação, embora resumida, sobre a publicação — "Arquivo da Faculdade de Medicina da Bahia" levada a efeito entre 1916 e 1920, pelo saudoso amanuense ANSELMO PIRES DE ALBUQUERQUE. É mesmo uma dívida que a Faculdade paga ao zeloso e dedicado funcionário e uma homenagem ao seu interessado historiador.

* * *

Conforme dissemos acima, a publicação "Arquivo da Faculdade de Medicina da Bahia", principiou a sair impresso como um resumido relatório, com o fim principal de divulgar o movimento da Secretaria da Faculdade no ano de 1916, tendo saído editado este primeiro volume em 1917..

Foi organizado pelo amanuense ANSELMO PIRES DE ALBUQUERQUE, que sempre se mostrou muito dedicado a tudo que dizia respeito à Faculdade de Medicina.

O primeiro número publicou: "Nota sobre o corpo docente e administrativo, juntando nas primeiras páginas as fotografias do Diretor Dr. AUGUSTO CEZAR VIANNA, do Secretário Dr. MENANDRO DOS REIS MEIRELLES, da fachada da Faculdade de Medicina, seguida de um resumida história da fundação da Escola Médico Cirúrgica.

Publica no primeiro capítulo a lista dos nomes dos professores e auxiliares do ensino (preparadores, assistentes, corpo administrativo, conservadores, bedéis), com os respectivos cargos e endereços.

No segundo capítulo, traz a lista completa dos alunos dos cursos médico (do 1.º ao 6.º ano), do de farmácia (do 1.º ao 3.º ano), do de Odontologia (do 1.º e 2.º ano) e das alunas do Curso de Obstetrícia, no total de 409 estudantes.

No 3.º capítulo deu publicidade a um sumário das tese sustentadas, no ano de 1916, pelos alunos que concluíram seu tirocínio acadêmico. Nomes dos doutorandos e seus pais, naturalidade, data da defesa da tese e os nomes dos professores que tomaram parte nas comissões arguidoras, acompanhada das notas de aprovação.

Após cada tese vem o número de suas páginas, o assunto sobre o qual versa o trabalho, o índice dos capítulos, subtítulos, etc.

Conclue o volume com uma resumida notícia sobre a Biblioteca da Faculdade, com 10.264 obras e revistas em 15.634 volumes. Incluídas as 10.285 teses estrangeiras, reunidas em 1.141 volumes, fazendo um total de 16.775 volumes bem encadernados e otimamente conservados.

No segundo número do "Arquivo da Faculdade de Medicina" correspondente ao ano de 1917, ANSELMO PIRES DE ALBUQUERQUE deu já maior desenvolvimento ao volume, fazendo no primeiro capítulo "Ligeira Notícia sobre a Faculdade" iniciando a publicação dos documentos referentes à fundação da Es-

cola Médica da Bahia logo que foi “aceita pelo Príncipe regente a idéia da criação de uma Escola Cirúrgica, por instância do benemérito Dr. JOSE’ CORREIA PICANÇO e logo expedida uma carta de D. FERNANDO JOSE’ DE PORTUGAL, dando ciência do grande melhoramento que ia ter a Bahia, ao Governador e Capitão General desta então Capitania, D. JOÃO DE SALDANHA DA GAMA MELLO E TORRES, 6.º Conde da Ponte, que a governou de 14 de dezembro de 1805 a 29 de setembro de 1810”.

Transcreve a carta, a escolha dos dois primeiros professores, cirurgiões-môres, com exercício no Hospital Militar, JOSÉ SOARES DE CASTRO para o ensino da anatomia e MANOEL JOSÉ ESTRELLA para o de Cirurgia, entrando ambos em exercício. Foi nebulosa esta fase do ensino médico não existindo documentos que provem quais foram os primeiros praticantes (alunos) que se matricularam.

O Prof. MALAQUIAS ALVARES DOS SANTOS que escreveu sôbre a vida da Faculdade na primeira memória histórica, refere-se que “entre os que nela começaram sua instrução médica distinguiram-se MANOEL JOSÉ BAHIA, JOSE’ ALVES DO AMARAL, FRANCISCO SABINO DA ROCHA VIEIRA, ANTONIO JOSÉ DE SOUZA AGUIAR, FRANCISCO GOMES BRANDÃO e outros.

O curso era de 4 anos, constava de “lições teóricas e demonstrativas de Anatomia humana, que fazia o professor nos anos, que acontecia durar o curso de cirurgia, e nas lições do outro professor que versavam sôbre Fisiologia e Patologia e a Clínica” — ANSELMO ALBUQUERQUE — Arq. Fac. Med. II—vol. pag. 12.

Terminado o curso, os alunos prestavam os exames perante o Físico-mór, nos pontos tirados com antecedência. Se se mostravam habilitados, eram aprovados, jurando aos Santos Evangelhos de dignamente exercerem a nobilíssima profissão, podendo curar onde não houvesse médico.

Dá minuciosa notícia do modo de funcionamento da nova Escola, que seguiu com cuidado as Instruções baixadas pelo Barão de Goyana (lições, sabatinas, repetições, presenças, faltas, exames, emolumentos, cumprimento dos deveres dos professores, etc.).

Este regime durou oito anos, até março de 1816, quando se fez a primeira reforma do ensino — a qual se deve a um grande e distinto baiano, o Cons. Dr. MANUEL LUIZ ALVARES DE CARVALHO, que, tendo seguido para o Rio de Janeiro, com D. JOÃO VI, foi nomeado Diretor dos Estudos da Côrte e dos Estados do Brasil, organizando um **Plano de Estudo** já seguido, há 2 anos, pela Escola do Rio, fazendo-se assim, no Brasil, estudos dos médicos uniformes e sôbre os mesmos regimes.

Pública as cartas trocadas entre o Governador D. MARCOS DE NORONHA E BRITTO, CONDE DOS ARCOS, e o provedor da Casa da Santa Misericórdia, o Tte. Cel. ANTONIO DA SILVA PARANHOS; o ato da inauguração do **Colégio Médico Cirúrgico** na sala das sessões da Mesa da Pia Instituição, na Rua Direita da Misericórdia. Lavrou-se uma ata da instalação em um livro, que serviu para a matrícula dos alunos a 17 de março de 1816; com a nomeação e posse dos professores JOSÉ AVELINO BARBOSA, Lente do quinto ano, ANTONIO FERREIRA FRANÇA, lente do Terceiro ano, MANOEL JOSÉ ESTRELLA, Lente do primeiro ano, JOSÉ SOARES DE CASTRO, Lente do segundo ano, e JOSE' ALVARES DO AMARAL, Lente substituto do Primeiro, Segundo e Quarto anos e encarregado de dar lições de Patologia e Terapêutica Cirúrgica, no terceiro ano, e ainda encarregado de redigir as atas, etc; o **Plano de Estudo** mandado adotar pela Carta Régia de 29 de dezembro de 1815, com a divisão do curso e distribuição das cadeiras por anos, a designação dos professores substitutos e encarregados do ensino de química farmacêutica no 1.º ano, do corpo administrativo, honorários de todos, lista dos alunos matriculados, informando ainda sôbre a frequência, exames, etc.

Ainda neste volume vêm as biografias dos Drs. JOSÉ CORREIA PICANÇO (Barão de Goyana), MANOEL JOSÉ ESTRELLA e JOSÉ SOARES DE CASTRO, biografias completas.

Na **segunda parte**, como no volume anterior, publica uma notícia sôbre o corpo docente e auxiliar do ensino, dando os nomes dos professores, dos substitutos, preparadores e assistentes, auxiliares de laboratórios e internos, com as respectivas residências, assim como do corpo administrativo da Secretaria, al-

moxarifado e biblioteca, dos conservadores, bedéis, pessoal da Maternidade Climério de Oliveira, serventes dos laboratórios, enfermeiras, jardineiros, etc.). Junta a lista dos alunos matriculados em cada ano e em cada um dos cursos (Medicina, Farmácia, Odontologia e no curso de especialização). Termina o volume publicando a lista dos doutorandos, com dados biográficos, títulos das teses, comissões examinadoras, aprovações e um sumário sobre o assunto, transcrevendo os títulos dos capítulos, número de páginas, etc. e dando notícia resumida sobre a naturalidade dos alunos formados, informando do movimento da biblioteca, do número de obras, de revistas, de teses nacionais e estrangeiras e de consultantes.

No volume Terceiro, que corresponde ao ano de 1918 e publicado em 1919 pela Livraria Catilina, o amanuense arquivista ANSELMO DE ALBUQUERQUE ampliou um pouco mais o programa estabelecido para os dois volumes anteriores, embora seguindo a mesma divisão do assunto.

Com o amor à Instituição a que servia escreveu a história dos seus professores e ampliou o seu trabalho reunindo cronologicamente os acontecimentos ligados à vida da Escola, prestando com o seu estudo interessante serviço à Bahia.

Na primeira parte pública os retratos do diretor, Dr AUGUSTO VIANNA, do ex-secretário Dr. MENANDRO DOS REIS MEIRELLES que se aposentara, do novo secretário Dr. -MATHÉUS VAZ DE OLIVEIRA, estes dois últimos acompanhados das respectivas biografias.

A notícia da vida do bibliotecário Dr. PEDRO RODRIGUES GUIMARÃES, que faleceu naquele ano e a biografia dos Drs. RAUL JANUARIO CARDOSO COSTA, nomeado bibliotecário e dos Drs. FERNANDO JOSÉ DE SÃO PAULO, PEDRO AUGUSTO DE MELO e AGRIPINO BARBOSA, que fizeram concursos, o primeiro para substituto da 9.^a secção, o segundo para o lugar de Assistente de Radiologia e electricidade médica e o terceiro para a secção de Clínica Pediátrica medica e Higiêne Infantil, os quais foram nomeados e empossados naquele ano.

Transcreve ainda, nesta primeira parte, a história da Faculdade de Medicina. Descreve o início da vida do Colégio Médi-

co Cirúrgico com cousas emprestadas pela Casa da Santa Misericórdia, pois “não possuía nem uma simples tesoura, nem um trocarte” nem mesas, nem bancos, nada enfim.

Continuando a história da Faculdade iniciada no volume anterior, faz minucioso relato, ano por ano, de todos os fatos interessantes da sua história política, administrativa, cultural e social.

E assim narra:

No ano de 1817 matricularam-se, por despacho do govêrno, como era praxe, apenas, 13 alunos: 2 — no primeiro, 6 — no segundo e 5 — no terceiro. Já era exigido nesta época saber traduzir lingua **francêsa**, anunciado por edital na “**Idade de Ouro**”.

O Diretor Geral dos Estudos, enviou da Côrte livros “para serem distribuidos, como prêmios áqueles estudantes que a jui-zo do Colégio se distinguirem dos seus condiscípulos”. Foram distinguidos, nesse ano, os seguintes alunos do 3.º ano: Francisco de Paula de Araujo e Almeida, Fortunato Candido da Costa Dormund e Francisco Marcelino Gesteira e do 2.º Jonathas Abbott e Manoel Antonio Pires. Os prêmios foram entreguês pelo lente do 5.º ano Dr. JOSÉ AVELINO BARBOSA, que estimulou aos premiados a perseverança nos mesmos propósitos de applicação aos estudos.

Em 1818, matricularam-se 14 alunos: 3 — no 1.º ano, 2 — no segundo, 5 — no terceiro e 4 — no quarto ano, sendo distribuidos idênticos prêmios aos mesmos alunos do ano anterior.

Em 1819, matricularam-se 16 alunos: 3 no primeiro, 3 no segundo, 1 no terceiro, 5 no quarto, e 4 no quinto. Neste ano começaram os exercícios práticos de medicina.

Foram pela primeira vez, em 11 de janeiro de 1819, ao Palácio do Governador, os quatro graduados com o título de Cirurgião. Os alunos do quinto ano ficaram obrigados por determinação do Govêrno a fazer o exame de Química antes do de Cirurgia.

Foram estes os alunos: Francisco de Paulo de Araujo e Almeida, Fortunato Candido da Costa Dormund, Antonio Torquato Pires e Francisco Marcelino Gesteira, tendo-se lavrado uma ata para cada aluno. Transcreve na íntegra os termos da primeira ata.

Em 1820 matricularam-se 14 alunos, sendo que 4 no 1.º ano, tendo havido no fim do ano, no Palácio, a nova graduação dos estudantes que desejaram ser **Cirurgiões Formados**. Lavrou-se uma ata para cada aluno, na forma do art. 15 do Plano de Estudos. O aluno Antonio Torquato Pires, já era cirurgião aprovado e faltou ao ato. Transcreve uma das atas.

Em 1821, houve menor número de matriculados, apenas 10, nenhum até o terceiro ano. Neste ano foram inclusas as cadeiras de Química e Farmácia, regulamentando-se os seus exames. Os alunos que se matriculavam no 2.º ano do curso médico cirúrgico, deviam ser aprovados em Química; no quinto ano, aprovados nos exames de Farmácia; os que já se achavam matriculados no 2.º, 3.º ou 4.º ano eram obrigados aos exames das duas cadeiras, antes de se matricularem no quinto ano.

Em 1822, a matrícula ainda foi menor. Inscreveram-se 6 alunos no 1.º ano, 1 no quarto e um 6.º. No fim do ano, o escrivão da Misericórdia, Domingos dos Santos Muniz trancou a sala das sessões, não permitindo os exames, o que obrigou os lentes a officiarem á Junta Provisória, comunicando o fato e pedindo providências que não se fizeram esperar, mandando entregar “imediatamente ao Porteiro do Colégio a chave da sala das sessões da Mesa”, onde deviam ser feitos os exames. No dia imediato, só compareceu a exame um aluno do 4.º ano. A Bahia já lutava pela nossa Independência e contra o General Madeira, que representava o Govêrno de Portugal.

Em 1823, não funcionou o Colégio na Bahia. Continuou na luta e ANSELMO DE ALBUQUERQUE escreve uma bela página sôbre a História da Independência da Bahia.

Feita a Independência, em 1824 o Colégio reencetou os seus trabalhos. Matricularam-se 6 alunos — no 1.º ano, 1 no 2.º, 1 no 5.º e 1 no 6.º ano.

Tendo-se exonerado ou abandonado o emprego o porteiro contínuo Manoel Antonio Pires, após sua formatura em cirurgia, em 1821, foi nomeado interinamente para o mesmo lugar Joaquim Pereira Borba, que tomou parte ativa nas lutas da Independência e permanecendo no batalhão de linha, no qual se tinha alistado. Vago o lugar, foi nomeado pelo Presidente da Pro-

víncia Dr. FRANCISCO VICENTE VIANNA, o 2.º anista João Baptista dos Anjos.

Entra como docente do Colégio o Dr. MANOEL JOAQUIM HENRIQUES DE PAIVA, célebre médico, publicista, professor e político em Portugal, que vê assim realizada sua aspiração tendo sido deferido o seu requerimento por sua Majestade Imperial, que o nomeou por Carta de 28 de Maio para lente de Matéria Médica e Farmácia, tomando posse a 8 de Julho de 1824.

O Curso foi feito na espaçosa botica, laboratório do Convento de Santa Tereza, não tendo feito a menor objeção o prior do Convento. Dr. PAIVA transferiu para aí “a sua cátedra, e os utensílios que possuía, adquiridos á sua custa desde 1820, quando lhe foi permitido aqui ficar e exercer a sua profissão”.

Vai ANSELMO ALBUQUERQUE divulgando regularmente e cronologicamente todos os fatos principais da vida da Faculdade e prestando um grande serviço à nossa Escola, pois atualizando e fazendo conhecida toda a sua história, toda a sua vida econômica, administrativa e política. O que acima resumimos, dá uma idéia de como foi levada a efeito a publicação por um velho funcionário, dotado de entusiasmo e temperamento de jovem e ardoroso patriota.

Até 1825 os **Cirurgiões Aprovados ou Formados** não tinham carta. Em 1826, a lei de 9 de setembro criou as formulas para as Cartas, as quais eram passadas gratuitamente, apenas com as despesas da impressão e do pergaminho, pagas pelos estudantes. “Eram seladas como as atuais, com o selo pendente, mas, em fita amarela.”

Transcreve as formulas da **Carta de Cirurgião Aprovado**, para os alunos que terminavam o 5.º ano e a **Carta de Cirurgião Formado**, aos que terminavam os exames do 6.º ano.

Estando com assento na Câmara legislativa, em 1827, três professores da Escola Médico-Cirúrgica da Bahia, ANTONIO FERREIRA FRANÇA, JOSÉ AVELINO BARBOSA e JOSÉ LINO COUTINHO, este último apresentou a 10 de junho daquele ano, um projeto de lei reformando em melhores moldes o ensino de então, abrangendo três cursos: — doutores em farmácia, medicina e cirúrgia, com 10 cadeiras, 10 professores e 3 substitutos.

A comissão eleita para dar parecer "foi de opinião que estava no caso de ser discutido, o que se realizou no ano seguinte" pag. 65, op. cit.

Em homenagem a JOSÉ LINO COUTINHO (meu bisavô materno) transcrevo o seu projeto:

"As 10 Cadeiras eram assim distribuídas, em 6 anos: 1.º ano, 2 cadeiras, onde seriam ensinadas Anatomia Geral e descritiva; Zoologia e Mineralogia Médica; 2.º ano — 2 cadeiras: Fisiologia e Semiotica da Saúde; Química e Botânica Médica. 3.º ano — 1 cadeira: Matéria Médica e Farmácia, com exercício em Botica; Princípios de Higiêne; 4.º ano, 2 cadeiras: Patologia Externa e Cirurgia Administrativa; Operações e Partos. 5.º ano — 2 cadeiras: Patologia Interna; Nosografia e Semiotica morbosa; Medicina Administrativa; Medicina Legal e Toxicologia; 6.º ano: Clínica nos Hospitais; Consultações e explicações dos aforismas de Hippocrates, à cabeceira dos doentes.

"O Curso de Farmácia abrangia os 3 primeiros anos, com exercício na botica, desde o início das aulas. o Curso de Cirurgia ia até o 4.º ano, com prática no hospital; e o Curso Médico compreendia todo o programa, com a frequência hospitalar, desde o 4.º ano.

"Cada Escola teria um Reitor, um Secretário, um Bedel, um Porteiro e um Contínuo, com o ordenado de 640 reis diários.

"Na falta de estatutos seriam elas regularizadas pelas da Universidade de Coimbra.

"Como se vê, continua ANSELMO DE ALBUQUERQUE, seria uma reforma senão perfeita, muito melhor do que o Plano existente. O seu ilustre autor assim pensou; mas outros projetos surgiram embaraçando a solução de tão momentosa questão, que era uma aspiração nacional, porque ia mais elevar a instrução superior.

Em dezembro, realizaram-se os exames, sendo que os do 5.º e 6.º anos, que eram feitos no palácio do Presidente, passaram a ser realizados no Colégio e assim até hoje. Neste ano graduou-se o aluno do 5.º ano João Batista dos Anjos, que depois de investigadas as "diárias dos doentes" dos quais ficou encarregado de assistir, foi **aprovado em cirurgia** por unanimidade.

Em 1828, matricularam-se 12 alunos, em 1829 — 12. O Dr. ANTONIO TORQUATO PIRES, professor durante 3 anos da Cadeira de Instituições Cirúrgicas, operações e partos, pediu demissão, sendo substituído pelo Dr. FRANCISCO MARCELINO GESTEIRA.

Interinamente, regeu a cadeira de Farmácia e Matéria Médica o Dr. FRANCISCO DE PAULA ARAUJO E ALMEIDA, até que o Dr. FORTUNATO CANDIDO DA COSTA DORMUND, nomeado pelo Governo, tomou posse perante a Congregação. Houve protesto do primeiro, que levou o fato ao conhecimento do Presidente da Província. Foram ouvidos os lentes que tudo informaram ser verdadeiro o que alegava o Dr. ARAUJO e ALMEIDA e pediam para o mesmo a atenção de S. M. I. — Em setembro assumiu as funções de Secretário o aluno do 6.º ano, já cirurgião aprovado, Vicente Ferreira de Magalhães, que recebeu do Dr. FRANCISCO MARCELINO GESTEIRA “4 grandes livros e uns papéis avulsos”.

Aquele demitindo-se do cargo, pois sendo nomeado Lente da Cadeira do 4.º ano e regendo ainda as do 5.º ano, não poderia exercer todos esses lugares”.

Em ofício feito, em 1826, ao Presidente que pedia informações ao colégio “sobre o número de empregados, seus ordenados e se excessivo esse pessoal”, a Congregação responde que, a instituição tem para o seu ensino 7 lentes, vencendo cada um anualmente 600\$000; um substituto, com 300\$00 e um Porteiro com 250\$000. Declarando que são exíguos esses vencimentos, lembra como necessários: 1 Substituto para as Cadeiras Cirúrgicas, além do existente; 2 para as de Medicina; um Demonstrador de Anatomia e um Secretário que percebam vencimentos. E dias depois requer que, pela Fazenda Nacional, lhe seja abonada, por trimestre, uma quantia para poder trazer bem conservados e limpos os instrumentos de anatomia e operações cirúrgicas,” como foi costume no princípio deste estabelecimento”.

As despêsas importavam em 4:750\$000 anuais ou 395\$833 mensais, “sem um real mais para uma pena de ganço ou uma folha de papel almaço”.

A essa informação acrescentava “que tinham se matriculado nesse ano 12 alunos” e “que não havia despêsa ordinária, além da que se fazia com Lentes e Porteiro, nem extraordinária, com o expediente, por ter sido até o presente, 11 de setembro, feita pelo respectivo Secretário.” E conclue: O estabelecimento acha-se em um corredor da Santa Misericórdia, dividido em três pequenas salas, das quais, uma se inutilizava por servir de passagem para outras repartições da mesma casa; que tinha por Anfiteatro de disseccções e operações um pequeno quarto escuro compreendido na Enfermaria a mais baixa do Hospital; (1) lembrando o mesmo colégio parte da Casa dos Jesuitas, onde, fazendo-se alguns reparos, melhorava-se muito, tanto por se achar aí o Anfiteatro destinado para disseccções e operações, como a Biblioteca e o Hospital Militar para a Clínica Médico Cirúrgica; não possui Estatutos acomodados a um método para tais Escolas, que regulando os seus trabalhos, e graduando em Medicina aos que nela se formarem, ao mesmo tempo lhes segure o direito exclusivo de ocuparem as Cadeiras, quando julgados aptos pelo Colégio, pois que desse abuso, e da falta de tal graduação se tinha seguido a pouca concorrência nas matrículas, preferindo em tal caso formarem-se em País estranho, onde consumindo (às vêzes) mais pouco tempo, ilegalmente concorriam nas Cadeiras com os Formados neste Colégio; o que se continuasse de certo diminuiria cada vez mais o número dos alunos, e o desgosto lavrando por entre os que ora existiam, e perdendo as esperanças de preferirem tais lugares, desapareceria aquela nobre emulação tão precisa para o desenvolvimento dos talentos da mocidade, segundo os quais tem de ser escolhido para formarem a classe dos Opositores, com grave prejuizo e desabono do dito Colégio” Arq. id. id. pags. 69 e 70.

O cirurgião formado João Batista dos Anjos, já Opositor, ambicionou entrar como lente e requereu ser agraciado com a nomeação para o lugar vago de lente substituto das Cadeiras Cirúrgicas. E tendo o Colégio dado informação favoravel, foi nomeado e empossado. Para o lugar que deixou de Porteiro e Con-

(1) Em reclamação feita ao Visconde de Rio Vermelho diz que as aulas “se achavam indecentemente denegridas; suas portas e armários sem chaves e ferragens, por estarem, as que existem estragadas, de que resulta ficarem os objetos que aí se guardam expostos a extravios”.

tínuo, foi, pelo Presidente da Província Visconde de Camamú, nomeado Hermenegildo José Fernandes, que tomou posse; para lente substituto da Cadeira do 4.º ano, foi nomeado e empossado o Dr. João Antunes de Oliveira Chaves.

Com 21 anos de professor, além do tempo de Cirurgião-mór do Hospital Militar, aposentou-se o Dr. MANUEL JOSÉ ESTRELLA, o primeiro lente que se reformou no Colégio.

Com surpresa da Congregação, para a sua vaga foi nomeado o Dr. CONSTANTINO TAVARES DE MACÊDO, “que vinha ferir os direitos garantidos pelo art. 16 do Plano de Estudos dos Substitutos, Opositores e Estudantes”, os quais se reúnem e requerem que se denegue a posse do referido Dr. como intruso, e representam imediatamente à Assembléia e aos Poderes Executivos os motivos da denegação, e pondo em prática todos os outros meios, que mais convierem para pôr termo a tal abuso” — e “os Lentes, guardas fiéis dos privilégios da Casa, fazem a sua Excelencia uma representação que, por unanimidade, julgam não poder dar posse ao referido Doutor, por ser contra os Estatutos que regem esta Escola” — Arq. Fac. 3.º vol. pag. 71.

O Presidente replica á Congregação fazendo ver que a resposta é um ato de rebeldia da mesma Corporação, admirando-se que “uma corporação de homens de letras, que devem mais do que gente rude pesar as consequências que traz, tornando-se ainda mais inconcebível semelhante procedimento à vista do art. 16 dos Estatutos da mesma Escola, em que Vm. ces. fundaram, por isso que ele não dá aos Opositores ás Cadeiras um direito exclusivo a elas; e tanto assim é, que já foram providos em duas das mesmas Cadeiras, um dos Lentes atuais, JOSÉ LINO COUTINHO, que não é filho da Escola e ANTONIO TORQUATO PIRES, que não tinha a formatura em Cirurgia para ser considerado Opositor, como é declarado no mencionado artigo dos Estatutos. Em tais circunstâncias cumpre significar a Vmces. que de baixo de sua responsabilidade dêem posse ao nomeado, assim que se apresentar com o respectivo Diploma”.

Apesar de se ter apresentado o Dr. Constantino Tavares para tomar posse, a Congregação não o atendeu.

A Censura do Governo, diz ANSELMO DE ALBUQUERQUE não deixaram os lentes sem resposta. As suas ponderações são valiosas. Há nelas uma lição de altivez, que deve ser aplaudida, como merece, e que mostra o caráter de independência dos homens dessa época, que não se curvavam submissos ao menor aceno do poder, quando êle exorbitava, ferindo direitos garantidos por Lei expressa”. Segue-se a resposta da qual extraímos os trechos principais:

“Mostram-se sobremaneira magoados por verem o zêlo da Lei arvorado em criminososa desobediência, submetem à ponderação de V. Excia. a legalidade da conduta, e a injustiça da censura, que sofreram”.

Quanto ao artigo 16, — “argumenta, que não há exclusão, por isso que dous indivíduos, que não eram filhos de um tal Estabelecimento, foram contudo despachados Lentes, achando-se ainda um dêles em atual exercício, como se, por ventura, um outro abuso da Lei fizesse mudar a sua natureza, e nos puzesse na apertada conjuntura de a violarmos para sempre: “a nomeação do Dr. José Lino Coutinho, para a Cadeira de Patologia Externa, não pode ser considerada como violação dos Estatutos, visto que tal Cadeira não existia de fato no Colégio, e nem havia sido provida dantes em alguma outra pessoa, de maneira que se o pode considerar como Lente primitivo e de pura criação”. “com o Dr. Antonio Torquato Pires V. Excia. tem razão” “mas atendendo que para êste último apenas então três lentes deram posse áquele Doutor, hoje oito Professores, **melhor zelando** a Lei, não podem ser forçados, em frente de um ou outro mau exemplo, a postergá-la com escândalo”.

Referem citando até ordenações do reino, no tempo do grande Henrique IV, que não fôsem cumpridas, nem executadas suas Cartas, Alvarás, Provisões, Despachos, quando contivessem cousas contra as Leis, ou fôsem com falsidade conseguidas (Ordenações do Reino, L. 2.º, Título 43, e Alvará de 30 de outubro de 1751)”.

Citam fatos dêste modo de proceder encontrados nas atas das Relações, Camara Municipal, etc. desta Cidade e até do Governo Provincial, “não haver cumprido muitas ordens e no-

meações, quando a **b** e subrepticamente conseguidas” a Corporação em vez de obediência cega só “obedece a Lei pelo Orgão do Governo, etc. ...

Não cumprir os mandatos, e ordens ilegais, representando ao Governo, donde elas emanaram, é dever de todo o bom Cidadão e homem livre, nem disso podem nascer as funestas consequências, que V. Excia. antevê, quando, pelo contrário, de uma cega e servil obediência nos pode vir escravidão..... os abaixo assinados, Lentes do Colégio Médico Cirúrgico, tomando a si a responsabilidade legal, a que é sujeito todo o Empregado Público, Corporação e Tribunal, por sua bôa, ou má conduta, e fiéis ao cumprimento da Lei, e dos Estatutos de sua Escola, respondem a V. Excia. que não devem nem podem dar posse ao referido Dr. Constantino Tavares Macedo, por isso que sua nomeação fora a **b**, e subpticamente conseguida, com manifesto prejuízo dos Opositores do Colégio, e que é mais ainda, de dous Substitutos, ao mais antigo dos quais, com todo direito pertencia a propriedade daquela Cadeira de Fisiologia, quando vaga; pedem excusas ao Presidente e rogam encaminhar a representação a Sua Majestade Imperial..... que Reto e Constitucional não deixará de lhes fazer justiça..... assinados José Lino Coutinho, Manuel José Estrella, Francisco Marcellino Gesteira, Fortunato Candido da Costa Dormund, João Antunes de Azevedo Chaves, Jonathas Abbot (vencido), João Baptista dos Anjos. O Lente Antonio Ferreira França deu sua opinião em documento à parte, escrita pelo próprio punho, sustentando os mesmos argumentos e demonstrando que os Formados pelo Colégio gozarão das prerrogativas seguintes — (Terceira prerrogativa): São membros do Colégios e Opositores às Cadeiras vagas. Logo o seu direito é exclusivo. argumenta com o direito dos Formados no Colégio, com o dos Substitutos e diz que a Lei Social Fundamental **regeita direitos prerrogatórios**, ou exclusivos e declarados, etc. e só admite o direito do mais digno. Fala sôbre infração da Lei e pede que esta sua opinião seja transcrita na ata do Colégio e enviada com a resposta da maioria dos lentes ao Exmo. Snr. Presidente. Os interessados de um e outro lado constituíram advogados e o Presidente molestado com a suposta desobediência da Escola, devolveu os memoriais a esta “pois já ti-

nha dado parte a Sua Majestade Imperial do procedimento do Colégio". A Congregação dirigiu-se, então, ao Imperador enviando os documentos e o caso só teve solução no ano seguinte em 1830.

Antes de encerrar o ano escolar reuniu-se a Congregação do Colégio escolhendo espontaneamente o Diretor, "para melhor ordem dos trabalhos, visto não haver algum nomeado pelo Governo" o Dr. José Avelino Barbosa, que serviu interinamente até que foi nomeado efetivo sôbre lista tríplice, o Dr. José Lino Coutinho. (O resultado da votação foi o seguinte: — José Lino Coutinho 7 votos; Dr. José Avelino Barbosa 6, e o Dr. Antonio Ferreira França 4 votos). O Dr. José Avelino Barbosa foi cronologicamente o primeiro diretor e o Dr. José Lino Coutinho foi o primeiro nomeado — sôbre lista tríplice, como dissemos acima, "por espaço de três anos, ficando dispensado de assistir os exames e teses".

Ainda se tomou a providência de adotar um sêlo (Lei de 7 de Setembro de 1826, art. 2.º) que ficou representando as armas da Escola "O bordão de Esculápio com duas serpentes, guarnecido por um lado por um ramo de café, e por outro de um semelhante de tabaco, tendo ao redor de tudo a legenda — Escola Médica Cirúrgica da Bahia".

Completando esta primeira parte do 3.º volume do Arquivo da Faculdade, — faz Anselmo de Albuquerque as biografias dos professores Dr. José Alvares do Amaral, Dr. Manuel Henriques de Paiva, Dr. José Lino Coutinho e Dr. José Avelino Barbosa, acompanhadas dos respectivos retratos e bibliografias.

Na segunda parte traz, como nas dous volumes precedentes, as relações dos endereços dos corpos docente e auxiliares do ensino, do corpo administrativo, um resumo dos exames vestibulares, da 2.ª época de 1917, da 1.ª época de 1918, a relação dos alunos matriculados nos diversos anos dos cursos de Medicina, de Farmácia e de Odontologia; da colação de gráus aos doutores em medicina e a relação das suas teses, — como nos números anteriores, com ligeiros dados biográficos dos autores, títulos e sumários, bancas examinadoras e aprovações. Faz um resumo cronológico das ocorrências mais notáveis do ano, concursos, no-

meações e aposentadorias, justificação de título de médico estrangeiro, oferecimentos de serviços gratuitos como assistentes dos Drs. Manuel Messias Lopes, Demosthenes Gomes da Costa Vinhais, Fernando Moraes Studart, Armando Rebello Vieira Lima e Genésio de Seixas Salles para diversas Cadeiras de Clínica. E termina com um resumo do movimento da Biblioteca, consultantes, obras e revistas adquiridas, etc.

No quarto volume do "Arquivo da Faculdade de Medicina" foram publicados os seguintes capítulos: I — Notícias sôbre a Faculdade, biografias de José Carneiro de Campos (professor de Anatomia Descritiva), Francisco da Luz Carrascosa (professor de Química Médica), Frederico de Castro Rebello Kock (professor de Farmacologia e Arte de Formular), falecidos naquele ano (1919) e também as biobibliografias dos doutores que se empossaram durante o ano — Aristides Pereira Maltez, José de Souza Pondé, Aristides Novis, Fernando São Paulo e Eduardo Diniz Gonçalves, respectivamente professores das Cadeiras de Clínica Ginecológica, Oftalmológica (substitutos), de Fisiologia (catedrático), Farmacologia e Arte de Formular (substituto), e Anatomia Descritiva (catedrático); na segunda parte trata do movimento administrativo, docente, escolar, juntando um resumo do movimento dos alunos dos diversos cursos, nomeações e posses, acontecimentos notáveis, endereços dos professores, preparadores e assistentes, lista das teses dos doutorandos, com seus títulos, comissões examinadoras, aprovações e da biblioteca.

No quinto volume, em 1920, no primeiro capítulo faz a biografia dos Drs. Francisco de Paula Araujo e Almeida (Lente de Fisiologia), Fortunato Candido da Costa Dormund (Lente de Farmacologia e Matéria Médica) e Antonio Ferreira França (Lente de Patologia Interna, da Galeria dos primeiros professores); transcreve os resumos das matrículas dos alunos nos diversos cursos do 1.º ao 6.º ano e do movimento dos professores, respectivamente de 1830 a 1839. Seguem-se as biografias dos professores falecidos, aposentados e nomeados no ano de 1920; foram êles: — Dr. Antonio Baptista dos Anjos (da primeira Cadeira de Clínica Cirúrgica), Dr. Climério Cardoso de Oliveira (catedrático de Clínica Obstétrica e Diretor da Maternidade), Dr. Julio Sergio Palma (catedrático de Histologia, Dr. José Olimpico de

Azevedo (catedrático de Química Médica), Dr. José Afonso de Carvalho (catedrático de Anatomia Médico-Cirúrgica e Operações) e Dr. Matheus Vaz de Oliveira (Secretário da Faculdade), todos falecidos naquele ano (1920) dando de cada um destes professores e funcionários da Faculdade um apanhado de sua vida profissional o mais completo possível, traçando um retrato perfeito de suas atividades, como professor, no magistério e no setor social, político na Bahia, completando com a bibliografia de todos êles.

Como vimos, pelo resumo do terceiro volume, Anselmo Pires de Albuquerque, entusiasmou-se, com o trabalho que vinha realizando e deu ao "Arquivo da Faculdade de Medicina" um desenvolvimento completo, reunindo tôda a história dos primeiros anos da Escola Médico-Cirúrgica até 1929, descrevendo os fatos e divulgando os documentos mais interessantes da vida da Instituição.

Também nos dous últimos volumes seguiu o autor o programa traçado para o terceiro, ampliando sempre, como se verifica fãcilmente pelo resumo apresentado acima.

Eis a razão porque procuramos fazer um resumo o mais perfeito que nos foi possível a fim de justificar a proposta que formulamos na Congregação de 23 de outubro do ano findante (1948) e que logrou ser aprovada por unanimidade.

A publicação "Arquivo da Faculdade de Medicina da Bahia" era um trabalho cada vez mais completo e utilíssimo para o conhecimento da vida da Escola Médica da Bahia.

Até 1923 vêm publicados todos os acontecimentos constantes dos documentos existentes no arquivo da Faculdade, desde a sua fundação até aquela data e atualizados de 1916 a 1920. Temos a convicção que estaria completa a história da Faculdade se a infeliz idéia de suspender a referida publicação (talvez por medida de economia) não tivesse sido levada a efeito. A interrupção data de quase trinta anos, pois foi em 1921 e se se tivesse continuado quantas informações utilíssimas ter-se-iam dado à lume?

Prestamos nestas humildes linhas, a homenagem da estima, admiração e reconhecimento da Faculdade a um dos seus mais modestos historiadores.

Sempre é tempo de se corrigir as falhas existentes em qualquer instituição, de melhorar os nossos serviços, procurando atingir á perfeição. A nossa proposta teve apenas este fim. Agora é chegado o momento de cada lente fazer, como fizemos ou sugerimos, a história dos fundadores e dos diversos professores que ocuparam anteriormente as cátedras nas quais professam atualmente.

E assim, dentro de poucos anos e sem grande esforço, estará escrita toda a história da Faculdade de Medicina da Bahia — com um pouco de bôa vontade e de dedicação dos seus professores.

Bahia — Dezembro de 1948.

Dr. Octavio Torres